



DOM SEBASTIÃO LEME E AS ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO DO CATOLICISMO NOS ANOS 1930

Alexandre Luis de Oliveira*

Resumo: As linhas que se seguem, pretendem elaborar alguns apontamentos sobre a atuação do cardeal Sebastião Leme, enquanto representante do catolicismo brasileiro e os mecanismos utilizados pela Igreja Católica como forma de fortalecimento de suas bases frente aos desafios impostos pelo Estado laico. Aliado ao laicato e principalmente a liderança como, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, Dom Leme vislumbrava nos anos 1930 a necessidade de organização do clero brasileiro, como também das próprias bases da Igreja no Brasil, que vinha passando por transformações e necessitava de mais união.

Palavras-chave: Catolicismo, Governo Vargas, Estado Laico.

DOM SEBASTIAO LEME AND CATHOLICISM ACTION STRATEGIES IN THE 1930S

Abstract: The lines that follow are intended to prepare some notes on the work of Cardinal Sebastião Leme, as representative of Brazilian Catholicism and the mechanisms used by the Catholic Church as a way of strengthening their forward bases to the challenges posed by the secular state. Coupled with the laity and especially the lead as Jackson de Figueiredo and Alceu Amoroso Lima, Dom Leme envisioned in the 1930s the need for organization of the Brazilian clergy, but also the very foundations of the Church in Brazil, which had gone through changes and needed more unity.

* Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Linha de pesquisa: Sociedade, Urbanização e Imigração. Área de Concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas. Desenvolve a pesquisa contemplada com bolsa oferecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Estágio PDSE na Universidade Católica Portuguesa com financiamento CAPES. Contato: alexandreoliveiraluis@gmail.com.



Keywords: Catholicism, Vargas Government, secular State.

As transformações ocorridas no Brasil durante o período de implementação da República impuseram certas modificações para o catolicismo, trazendo consigo questionamentos e provocações à Igreja, como seu possível anacronismo político, o colocando como uma instituição exclusivamente monarquista, com pouca ou nenhuma utilidade para a República. Faltou perceber o catolicismo como um agente político, levando em conta que o simples ato da missa semanal pudesse ser carregado de ensinamento político, podendo moldar as condutas sociais e políticas dos fiéis praticantes.

A própria missa semanal, ou o culto, é carregado de influência em função de seu efeito repetitivo e sua valorização afetiva. [...] A homilia, os cantos, a prece universal são assim atualizações da mensagem que reúnem os crentes na sua vida quotidiana. [...] sob a luz do ensinamento sobre a unidade em Cristo, eles adquiriram a certeza de que a paz entre os homens, a reconciliação e a união eram valores supremos, diante dos quais o combate político, que implica confronto e lutas, aparece como um mal, um lugar onde se “sujam as mãos”.¹

Como ator ativo no processo de reconquista do espaço católico brasileiro, Dom Leme foi arcebispo-coadjutor do Rio de Janeiro em 1921, marcando a nova fase do religioso na rearticulação do catolicismo e do laicato. Em sua nova função na capital federal, começou sua busca por lideranças para fortalecer as estruturas católicas. Foi a partir desse momento que Jackson de Figueiredo, estimulado por Dom Leme, decidiu reunir um grupo de intelectuais católicos a fim de realizar o projeto de conseguir exercer uma atuação mais intensa junto as forças políticas. A aproximação de Leme com leigos intelectuais trouxe nova fórmula de domínio religioso. Fugindo da esfera da autoridade religiosa, o leigo começou a ganhar papel de destaque na estrutura do catolicismo no Brasil.

Enquanto as declarações episcopais são uma constante da história da Igreja, uma nova forma de expressão organizada dos cristãos apareceu no século XX: os

¹COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003. p.336.



movimentos leigos. Sem dúvida, os séculos passados conheceram uma multiplicidade de obras dirigidas por notáveis e de associações de caridade, mas os movimentos confessionais são de uma outra natureza. Criados e animados por leigos, mesmo que pastores e capelães exerçam neles uma função importante, são representativos das aspirações espirituais e humanas de seus membros. Os movimentos como tais são lugares de formação total, particularmente cívica, extremamente rica pois que ela se encarna em ações concretas desenvolvidas em comunidades. Suas atividades, que em geral não comportam engajamentos políticos, a não ser em períodos excepcionais, ultrapassam em muito o quadro de seus membros; são com frequência reconhecidos como corpos representativos pelos poderes públicos.²

Partindo dessa tendência de estimular leigos a encabeçaram obras ligadas aos interesses religiosos, Jackson de Figueiredo foi um dos primeiros nomes de âmbito nacional do laicato brasileiro, com a criação do Centro Dom Vital. Fundado em 1922, esse Centro recebeu o nome do religioso Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo de Olinda entre 1871-1878 que havia sido preso por solicitar que os maçons fossem expulsos do Brasil. Ao ser questionado por suas atitudes, Dom Vital alegou que estava colocando em prática a encíclica do papa Pio IX.³ O bispo capuchinho de Pernambuco se destacara em seu confronto com o Estado em defesa dos princípios católicos ultramontanos, contrariando a perspectiva liberal da política da coroa.

O Centro também contou com a revista *A Ordem*, fundada em 1921, que tornou-se o órgão difusor das ideias do movimento. O Centro conseguiu ir criando ramificações em outros Estados, com vários membros de prestígio, entre eles Alceu Amoroso Lima, sucessor de Jackson a partir de 1928. Embora inclinado para a área cultural, mesmo assim Alceu desempenhou um papel político significativo na defesa dos interesses católicos com o Estado, atendendo ao pedido de Dom Leme.⁴

Analisando a trajetória do Centro, pode-se distinguir duas fases importantes. A primeira fase, dirigida por Jackson, é de intenso envolvimento político, em que a revista *A Ordem*, um jornalismo católico em defesa do governo estabelecido, reagia fortemente contra as pretensões revolucionárias do movimento tenentista. Sob esse aspecto, mantinha-

²*Ibidem*, p. 344.

³MOURA, Maria Lúcia de Brito. *A guerra religiosa na I República*. 2. ed., Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2010.

⁴*Ibidem*.



se coerente com a própria orientação da hierarquia eclesiástica. Na década de 1920, sob a liderança de Jackson de Figueiredo, o conservadorismo católico transformou-se numa força atuante e que passou a contar cada vez mais na arena política nacional. A segunda fase foi sob a direção de Alceu Amoroso Lima.⁵

Outros personagens importantes passaram pelo Centro Dom Vital. Entre os que aderiram às causas logo em seu primeiro momento estão: Hamilton Nogueira, Perilo Gomes, Jonatas Serrano e Tasso da Silveira, além do próprio Jackson de Figueiredo. Com o desenvolvimento das atividades do Centro e seu maior alcance, somaram nomes como o de Sobral Pinto, Alceu Amoroso Lima, Everardo Backheuser e Gustavo Corção.

Outro ponto importante para ser analisado foi a aproximação entre o Centro e os integralistas. Com a criação da AIB, muito filiados do Centro compuseram as fileiras integralistas devido à aproximação entre Salgado e a coordenação do Centro.

Percebe-se que o contato de Plínio Salgado com o Centro Dom Vital foi pautado por interesses múltiplos. A AIB contou com a adesão de católicos pertencentes ao Centro, como Alceu Amoroso Lima; e o integralismo teve no quadro de militantes a adesão de alguns católicos do Centro Dom Vital, porque propunha o desenvolvimento de uma sociedade cristã regida pelo princípio da autoridade, o que coincidia com as propostas da AIB.⁶

Com a morte de Jackson, Alceu assumiu seu lugar como líder do Centro. Por quase uma década, Alceu manteve as principais tendências de pensamento que Jackson havia desenvolvido. Foi contrário à Revolução de 30, caracterizando-a como fruto do pensamento liberal. Com o passar do tempo, Alceu começou a assumir uma postura mais aberta, em contraponto a outros membros do Centro Dom Vital, que continuavam fiéis à posição conservadora e tradicional de Jackson. Não obstante, diversos de seus membros passaram a agir também em outros movimentos, tornando-se, inclusive, fundadores de alguns deles.⁷

⁵ BARRETTO, Vicente; PAIM, Antônio (Orgs.). *Evolução do pensamento político brasileiro*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989.

⁶ GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. 2012. 668f. Tese (doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 85.

⁷ AZZI, Riolando. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.



Em suma, o Centro Dom Vital cumpriu o papel de aglutinador de forças que eram organizadas para, em seguida, serem redistribuídas de volta ao social, como ressalta a relação do Centro com os movimentos religiosos de massas e com os demais organismos. O Centro foi também o reelaborador das doutrinas orientadoras das atividades católicas, conforme os programas desenvolvidos para atingir diretamente os intelectuais. Submetido às orientações do episcopado, ele contribuiu decisivamente para a obra restauradora católica no Brasil.⁸

Para fortalecer ainda mais a atuação da Igreja na sociedade, foi criado em 1929, pelo próprio Alceu e em conjunto com o Centro Dom Vital, a Ação Universitária Católica (AUC), sendo o Cônego Manuel Macedo designado por Dom Leme como assistente eclesiástico. A AUC conseguiu arregimentar um grupo de jovens universitários para levar os princípios católicos ao meio acadêmico. “Nas Faculdades, os aucistas enfrentavam os comunistas, em ásperas contendas. No meio católico, os rapazes da AUC faziam propaganda pela pena, e, mais tarde, pelo apostolado litúrgico”.⁹

Mesmo o movimento não possuindo caráter partidário, a AUC começou a ganhar conotações políticas definidas. Uma das bandeiras levantadas por esses jovens era a defesa da fé católica diante do avanço do Estado laico, de acordo com as diretrizes do episcopado, estabelecidas por Dom Leme. É fato que vários aucistas, como eram conhecidos, militaram nas fileiras da AIB.

Seguindo o mesmo modelo do Centro Dom Vital, a AUC começou a se expandir para outros estados, criando ramificações cada vez mais profundas nos espaços acadêmicos.

Em seguida, o movimento começou também a incluir os alunos que estavam concluindo o curso secundário, mediante a organização da Pré-AUC. O primeiro grupo de pré-aucistas foi fundado no Rio de Janeiro, com o apoio dos irmãos maristas. Ao participar do Congresso Eucarístico Nacional, em Salvador, em setembro de 1933, Alceu estimulou também os alunos do Colégio Nossa Senhora da Vitória a seguirem o exemplo do Colégio São José. Em outubro desse mesmo ano, era fundado o grupo pré-aucista, destinado a formar uma “mocidade crente e patriota” disposta a “trabalhar por Deus e pela pátria”.¹⁰

⁸DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem, a doutrina Católica sobre autoridade no Brasil – 1922/1933*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 92.

⁹ SANTO ROSÁRIO, Maria Regina do. *O cardeal Leme (1882-1942)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 303.

¹⁰AZZI, Riolando. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003. p. 41.



Posteriormente, a AUC foi incorporada pela Ação Católica Brasileira, fundada em 1935, transformando-se depois no grupo específico da Juventude Universitária Católica (JUC).¹¹ Outra ação tomada pela Igreja como estratégia de reconquista de seu espaço no cenário político brasileiro foi a criação da Liga Eleitoral Católica (LEC).

Com a proximidade das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, Dom Leme apresenta aos membros do episcopado nacional um novo organismo da Igreja Católica: a LEC (Liga Eleitoral Católica). O projeto foi apresentado por Dom Leme em caráter confidencial ao episcopado, que já havia decidido durante a reunião da inauguração do monumento ao Cristo Redentor no Rio de Janeiro, em outubro de 1931, que como linha geral não haveria a criação de partidos políticos em favor de uma arregimentação eleitoral. O programa já havia sido analisado maduramente por técnicos e, caso fosse aceito pelas dioceses, os resultados seriam positivos.¹²

Mesmo com grande parcela dos católicos se filiando ao integralismo e até mesmo com o apoio explícito de Alceu Amoroso para que essa afiliação ocorresse, a maioria dos bispos não concordavam em enquadrar o integralismo como um braço do catolicismo, como uma entidade representante das ideias católicas. Havia também a ideia de que os religiosos deveriam ficar à margem do processo político, apenas orientando seus fiéis de forma suprapartidária.¹³

Inspirada no modelo desenvolvido pelo bispo de Campinas, Dom João Batista Nery, que, em 1913, fundou em sua diocese uma associação com objetivo de auxiliar os católicos na hora de votar, a Liga Eleitoral Católica (LEC) surgiu em 1932 no Rio de Janeiro.¹⁴ O objetivo principal da Liga era estimular os católicos para as questões ligadas a políticas e, com isso, centralizar suas forças nos candidatos que tinham propostas ligadas aos interesses eclesiais. Embora não tenham tido *status* de partido político, uma vez que não lançaram candidatos próprios, as ligas, de modo geral, tinham grande força política, pois, por não

¹¹*Ibidem.*

¹²PEREIRA, Mabel Salgado. Episcopado mineiro e revolução de 1930: um estudo de caso. In: XII SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 2011. Experiências e interpretações do sagrado: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos, Juiz de Fora. *Anais...* 2011. p. 7-8.

¹³AZZI, *op. cit.*

¹⁴BRITO, Eliane Maria. *A romanização do Espírito Santos: D. João Nery (1896-1901)*. 2007. 196 f. Dissertação (mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.



terem estatutos políticos específicos, podiam apoiar qualquer grupo político, desde que conseguisse alcançar seus interesses.¹⁵

A montagem da Liga contou com o auxílio de Dom Leme e a liderança de Alceu. A LEC fez suas primeiras atuações nas eleições municipais de 1933, eleições essas que contaram com o primeiro voto feminino. Mesmo não tendo todos os poderes de um partido político, as ligas possuíam grande importância no cenário político de um país, pois, através de coalizões, deixavam suas pretensões às claras nas arenas políticas.¹⁶

A atuação da LEC no cenário político brasileiro pode ser dividida em duas etapas: de sua fundação até o ano de 1937, momento de grande desenvolvimento e conquistas no campo político, e o período de redemocratização, já bem mais sucinta. Embora a Liga tenha se caracterizado como uma entidade extrapartidária, ela tinha um foco muito intenso no anticomunismo.¹⁷ É importante ressaltar que, para garantir seus interesses e ganhar terreno, em algumas localidades a LEC chegou a fazer alianças com partidos políticos, como no caso do Ceará com o Partido Social Democrata.

O catolicismo no Brasil não se limitou à atuação política da LEC e criou mais mecanismos de inserção social, entre eles a Ação Católica. Implementada pelo catolicismo brasileiro em 1935, a Ação Católica funcionou, além de outros campos de ação, como uma tentativa de frear o avanço da Aliança Nacional Libertadora.¹⁸ O papel inicial da Ação Católica Brasileira (ACB) foi a defesa dos valores e princípios cristãos por parte dos leigos católicos no campo da atuação política.¹⁹ Como a LEC só ganhava força em períodos eleitorais, o episcopado brasileiro necessitava de um órgão religioso ativo a todo momento, e a Ação Católica cumpriria esse papel.

Sob o ponto de vista político, a fundação da Ação Católica obedecia a duas finalidades principais: garantir, por um lado, as conquistas católicas obtidas na

¹⁵ RIOUX, Jean-Pierre. A associação em política. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

¹⁸ AZZI, Riolando. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.

¹⁹ SOUZA, Ney. Ação católica, militância leiga no Brasil: Méritos e limites. *Revista de cultura Teológica*, v. 14, n. 55, abr./jun. 2006.



Constituição de 1934 e, por outro, criar uma força de resistência ao avanço das ideias comunistas. O pânico anticomunista, já existente nos meios católicos, assumia proporções maiores ainda diante da ANL. O perigo vermelho era visto por todos os lados: no Exército, nos sindicatos, nas escolas e no próprio âmbito do governo.²⁰

Com grande poder de arregimentação do laicato brasileiro, a Igreja utilizou como moeda de troca uma certa aproximação de suas bases com o governo de Getúlio Vargas, com o objetivo de receber em troca uma ação firme do governo contra o avanço do comunismo. Em contrapartida, o poder público deveria apoiar as organizações religiosas. Esse equilíbrio proposto visava colaborar com a expansão do catolicismo e criar estabilidade social ao governo Vargas.²¹

A ACB seguiu os moldes da formula proposta pelo Papa Pio XI, com seu caráter de poder centralizado sob as normas clericais. Também a Ação Católica contou com Dom Leme em sua organização geral e Alceu Amoroso compondo a direção executiva.²² Um dos primeiros fundamentos colocados em prática pela ACB diz respeito aos ensinamentos sobre a doutrina da Igreja ministradas aos operários, que deveriam ser feitos de preferência por colegas de profissão, com formação prévia. Esse processo de doutrinação teria início com os jovens, utilizando o método *ver, julgar e agir*, método esse adaptado à mentalidade do operário.²³

Em novembro de 1937, a Ação Católica realizou sua primeira Semana Nacional. Com o desenvolvimento das políticas varguistas durante o Estado Novo, os membros da Ação começaram a ver suas demandas atendidas. No decorrer do ano de 1938, a Ação começou a perder sua grande liderança. Alceu, muito próximo das ideias de Jacques Maritain, começou a questionar a proximidade da Igreja com o autoritarismo de Vargas durante o Estado Novo. “Com o correr do tempo, na direção da Ação Católica, fui cada vez mais me afastando da minha posição direitista anterior [...] Daí por diante, fui

²⁰AZZI, *op. cit.*, p. 27.

²¹SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro Costa. *Tempos de Capanema*. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Paz e Terra, 1984.

²²AZZI, Riolando. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.

²³SOUZA, Ney. Ação católica, militância leiga no Brasil: Méritos e limites. *Revista de cultura Teológica*, v. 14, n. 55, abr./jun. 2006.



gradativamente caminhando em direção de um catolicismo aberto, democrático e reformista”.²⁴ Isso gerou forte polêmica, com divergências acentuadas entre seus membros, alguns dos quais deixaram as fileiras da Ação Católica.

*A Ação Católica não é uma associação a mais que se vem enfileirar ao lado das outras como qualquer uma delas, na floração das obras diocesanas e paroquiais. A Ação Católica paira em esfera superior; uma organização que, sob a dependência imediata da hierarquia, aos católicos leigos de todas as condições sociais e às obras católicas de todo gênero proporciona e facilita a colaboração no apostolado da Igreja. Aí o motivo por que a A. C. não deve confundir-se, nem mesmo aparentemente, com qualquer associação ou obra de fins particularizadas, todos os católicos e todas as obras têm o seu lugar de honra e de dever.*²⁵

O discurso, principalmente após 1937, começa a baixar o tom. As disputas e lutas aguerridas contra supostos males externos e internos começam a ser apaziguadas. O discurso perde sua polarização, e a Igreja começa a trilhar o caminho da neutralidade.

*Para cúmulo se estabelecera pouco a pouco a convicção de que Deus “estava à direita” e que a opção entre Esquerda e Direita coincidia literalmente com a opção por Deus ou contra Deus, por Cristo ou contra o Cristo, pela Igreja ou contra a Igreja. Certo é que muitos indícios permitiram a confusão, pois na ausência de um conhecimento mais profundo do verdadeiro espírito da Igreja, muitas consciências puríssimas, muitos caracteres retos, muitos homens de boa vontade, desejosos de servirem à sua Fé, aderiam aos partidos políticos da extrema direita, como se fossem a própria expressão da Palavra Divina. Não é menos certo, também, que Pio XI, o grande Papa que o nosso Cardeal tanto admirou e que pagou na mesma moeda a veneração dele recebida, é certo que Pio XI lançando a Ação Católica, fora e acima dos partidos políticos, dera a todo o orbe católico a indicação do verdadeiro caminho a seguir na tremenda crise de perplexidade que agitava o mundo desde o fim da guerra de 14. A Igreja recusava a sua incorporação a um dos extremos do anfiteatro político. Não se considerava, nem à esquerda, nem à direita. Colocava-se no seu verdadeiro e único lugar possível – no centro e acima de todas as divisões acidentais de ordem política.*²⁶

Devemos pensar Dom Leme como um homem híbrido em seu modo de agir. Um homem que participava de ação, discursos e encontros pastorais, assim como tinha atitudes

²⁴LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 153.

²⁵LIMA, Alceu Amoroso. *O Cardeal Leme: um depoimento*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. p. 146.

²⁶*Ibidem*, p. 199.



contra o governo e, ao mesmo tempo, em momento mais íntimos, abria caminho para uma troca de interesses, como fez na LEC.²⁷ Longe das atividades políticas diretas, Leme se utilizou dos seus homens de confiança para desempenharem suas determinações. Um homem muito próximo dos interesses políticos e, ao mesmo tempo, sem atuação pessoal, pois se camuflava sob as atitudes de seus designados. Quando foi questionado sobre a possibilidade de o bispo de Minas Gerais, Dom Helvécio, assumir como interventor do governo, logo nos primeiros anos do governo Vargas, Leme recorreu às regras da Santa Sé. Mesmo deixando Dom Helvécio, que era próximo a ele, em situação complicada com as autoridades papais, foi pontual e agiu em conformidade com a Doutrina da Igreja.²⁸

Referências

- AZZI, Riolando. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.
- BALDIN, Marco Antonio. *O cardeal Leme e a construção da ordem política católica (1930-1942)*. 2014. 159 f. (doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Franca, 2014.
- BARRETTO, Vicente; PAIM, Antônio (Orgs.). *Evolução do pensamento político brasileiro*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989.
- BRITO, Eliane Maria. *A romanização do Espírito Santos: D. João Nery (1896-1901)*. 2007. 196 f. Dissertação (mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem, a doutrina Católica sobre autoridade no Brasil – 1922/1933*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

²⁷BALDIN, Marco Antonio. *O cardeal Leme e a construção da ordem política católica (1930-1942)*. 2014. 159 f. (doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Franca, 2014.

²⁸PEREIRA, Mabel Salgado. *Dom Helvécio Gomes de Oliveira, um salesiano no episcopado: artífice da Neocristandade (1888-1952)*. 2010. 349 f. Tese (doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.



GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. 2012. 668f. Tese (doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *O Cardeal Leme: um depoimento*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOURA, Maria Lúcia de Brito. *A guerra religiosa na I República*. 2. ed., Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2010.

PEREIRA, Mabel Salgado. *Dom Helvécio Gomes de Oliveira, um salesiano no episcopado: artífice da Neocristandade (1888-1952)*. 2010. 349 f. Tese (doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

_____. *Episcopado mineiro e revolução de 1930: um estudo de caso*. In: XII SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 2011. Experiências e interpretações do sagrado: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos, Juiz de Fora. *Anais...* 2011.

RIOUX, Jean-Pierre. *A associação em política*. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

SANTO ROSÁRIO, Maria Regina do. *O cardeal Leme (1882-1942)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro Costa. *Tempos de Capanema*. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Paz e Terra, 1984.

SOUZA, Ney. *Ação católica, militância leiga no Brasil: Méritos e limites*. *Revista de cultura Teológica*, v. 14, n. 55, abr./jun. 2006.